

2022346049

EDF WASHINGTON DC

F-859 T-959 P-001/004 OCT 12 '94 13:58

ENVIRONMENTAL DEFENSE FUND

1875 Connecticut Ave., NW, 10th Fl.
Washington, D.C. 20009

CEDI	P. I. B.
DATA 04	03.95
CUU	PZD00041

Telephone: (202) 387-3500
 Facsimile: (202) 234-6049
 EcoNet edf
 Internet steves@edf.org

Date: October 12, 1994

From: Steve Schwartzman
Via Fax (Ken Walsh, Operator)

To: Marcio Santilli/Sergio Leitao
 AVA
 Andre Villas Boas
 Larry Cox

NDI
 011 55 61 248 3934
 CEDI
 RFF 212 431 9197

CEDI - P. I. B.
DATA 02/10/94
COD PZD00047

Projeto Panará - Relatório da Viagem de Identificação da Área e
Balanço - 07/10/94

Steve Schwartzman
EDF

Em 20/09/94 partiu de Brasília o grupo de trabalho FUNAI/INCRA instaurado pela Portaria 0834/94 da FUNAI, de 19/09/94, para fazer a identificação da Terra Indígena Panará, composto por: Ana Gita de Oliveira, antropóloga e coordenadora do grupo, Orizes Ribeiro Soares, técnico agrícola da FUNAI, Orison Leite Ramalho, técnico cartográfico da FUNAI, Luís Santana de França Lopes, técnico agrícola do INCRA, e Akè Panará, líder Panará. Eu fui junto convidado pela coordenadora do grupo.

Chegamos por volta de meio dia no Piraçu, na beira do rio Xingu. Eu e Orison descemos, e dois Panará entraram no avião, que seguiu para a aldeia Kayapo Kubenkokre. O avião abasteceu no Guarantã e voltou no final da tarde para pernoitar no São Jose do Xingu. Conversando com Akè, soube que os Panará com qual a Ana Gita precisava mais entrevistar (os que mais conheciam a região Iriri-Ipiranga--Sümakriti, Kôkriti, Teseya, além do próprio Akè) já estavam na aldeia nova. Resolvi portanto acompanhar o grupo no Iriri.

No dia seguinte seguimos para Kubenkokre com Akè e o interprete Kiompé e encontramos o José Francisco Freire da AVA mais o velho Krekô Panará. Os Kayapo falavam muito dos perigos para o equipe -- que os fazendeiros de Guarantã estavam brabos, que eles iam para a aldeia Panará, que o Fernandão disse que ia pegar o Freire como questão de honra.

Levaram mais de tres dias de negociações com os Kayapo para poder sair de Kubenkokre. A canoa dos Panará, que tinha ficado pronto (e que a FUNAI pagou R\$400,00 para trazer até o rio, e cujo preço subitamente subiu até os ceus, apesar dos acordos prévios) era tão grande que precisava artumar outra menor para poder passar a cachoeira maior. Procurei sempre botar os Panará para negociar com os Kayapo diretamente, procedimento que no fundo não agradou a nenhuma das duas partes. Pode-se sentir o tom da negociação pelo último incidente: depois de infinitas discussões o chefe Bepkum concordou em emprestar uma canoa dele para o equipe e os Panará subirem. Estavamos carregando a canoa quando o velho vem em cima, "Voces pagam \$R400 de frete, senão seguro a minha canoa." Preciso o Akè fazer escandalo ("vou embora daqui para minha aldeia, a cabeça doi muito, desisto, assim não dá," etc.) para o Bepkum, e o Orison falar para o filho do Bepkum, Kukoi (agora chefe do posto) que não dava mesmo, que teriamos que voltar e falar para o Megaron que não tinha condições de seguir, para liberar a canoa. Os Kayapo, embora dispostos a ajudar ate um certo ponto, continuam tratando o projeto Panará como um recurso natural -- a ser esgotado quanto antes melhor.

Foi só no dia 23 a tarde que conseguimos sair-do equipe, eu, Freire, Akè, Kiompe, Teseya, Krekô, e Pôsua (de motorista). O rio estava muito baixo e precisava arrastar a canoa quase constantemente, por causa das pedras, bancos de areia e mais pra cima, um número inadcreditavel de arvores caidos na agua. O equipe da FUNAI, especialmente a coordenadora,

trabalho sim pelas diárias. O velho Krekō quase não saía da canoa com medo das arraias, que tinha muitos. Nos primeiros dois dias vimos nove antas nas beiras, além de ariranhas, inúmeros jacarés e tracajas, capyvaras, jabutis, jacus, e patos. A fatura de peixe foi grande. A presença das antas, até relativamente perto de Kubenkokre, é importante uma vez que a anta é uma das primeiras espécies a sumir com caça regular. Começou a chover a noite enquanto estávamos subindo.

No dia 27, depois de passar o limite do Mekragnoti na boca do Ipiranga no Iriri e ter dormido na terra Panará, encontramos com uma canoa dos Panará descendo o rio. Eu e Akè fomos logo falar com eles. O Akè, irado, perguntou por que não ficaram. Responderam que o rádio não funcionava, a placa solar estava quebrado ("Sen, por que que não comprou placa boa?"), e vieram buscar notícias da gente. Ficou resolvido entre eles que voltariam com a gente. O Tunkôkian, que liderava o grupo, comentou para o equipe que tinham ficados mais cinco homens caçando longe no mato, e que só voltavam quando chovia muito. Voltamos então a subir, e chegamos no final da tarde na aldeia.

A aldeia fica em cima de um barranco alto, que eles desmataram tudo. Tem tres casas em torno d'uma praça grande, com roças em volta. Já plantaram milho, mandioca, abóbora, melancia, cará, batata e banana, embora em pequenas quantidades. Desmataram e queimaram uma pista de 700 metros.

A noite o Akè convocou uma conversa com o equipe, onde a Ana Gita apresentou o grupo, descreveu o trabalho e procedimentos de indentificação. Akè, Teseya, e Krekō, todos falaram que ali era terra deles, dos antepassados, das suas mães e pais, que não era terra do branco, que ali no dois lados do Iriri tinha caminhos antigos, onde eles andaram desde a antiga aldeia de Sonkênasã (entre a cabeceira do rio Braco Norte e um afluente do lado sueste do Iriri chamado Nampôrô) até ao redor de Cachimbo num lado e a boca do Ipiranga no outro. Que portanto queriam aquela terra demarcada, e queriam que os brancos que fizeram a pista (a pista do Sr. Fernandão) saíssem imediatamente, pois estavam em terra de ocupação tradicional dos Panará.

No dia 28, ficamos na aldeia. Mostraram um pequeno sítio arqueológico, um "forno do chão" dos seus antepassados que descobriram quando estavam abrindo lá -- uma pequena pilha de pedras de granita do rio, que os Panará usavam para cozinhar, lá em cima do barranco. Elaboramos o mapa de recursos naturais com Akè, Sümakriti, Teseya e Kôkriti, que já tinha começado no Kubenkokre. O Freire tinha consertado o rádio (a placa estava ligado errado, de forma que a bateria não carregava) e o Tunkôkian ficou falando no rádio. De repente entrou o Moikara, Kayapo da aldeia Cachoeira, que informou que foi para o Matupá recentemente e tinha encontrado com o irmão do prefeito do Matupá. O dito teria perguntado quais índios eram esses no alto Iriri, e dizia que ele teria comprado aquelas terras, mais que ele não estava disposto a brigar, que ele não ia lá, porem que ele queria que a "Fundação" indenizasse ele pela terra. Explicamos para o Tunkôkian que, o fazendeiro tendo documentação regularizada da terra, a FUNAI indenizasse ele.

No dia seguinte, saímos da aldeia Panará, voltando para Kubenkokre. Foi dramaticamente mais fácil descer o rio. Chegamos por volta de 14:00 no 01/10/94 em Kubenkokre. Na tarde, no mesmo dia, o Tunkôkian fez contato pelo rádio e informou que um grupo de brancos armados tinha chegado, perguntando pelo equipe da FUNAI, dizendo que vieram a mando do prefeito do Guarantã. Claramente tentaram intimidar os índios. Os Panará enfrentaram os brancos numa conversa tensa, e os brancos depois saíram. (Para um relato completo desse episódio, veja o documento elaborado por Ana Gita de Oliveira, coordenadora do Grupo de Trabalho de Identificação da FUNAI).

Após uma certa demora conseguiu-se mobilizar a avião da FUNAI para fazer o sobrevoo da área, e retirar o equipe. O sobrevoo constatou a presença de duas a tres pistas clandestinas dentro da área Panará, além da pista já conhecida pelos Panará, do Sr. Fernandão. Se diz que em volta dessa última tem um destmatamento grande, e há indícios d'uma estrada. Fora isso, a equipe não encontrou sinais de ocupação dentro da área. Fica claro, porém, o risco iminente de conflito com a presença da pista de pouso dos grileiros na área, ainda mais com a demonstrada tentativa dos mesmos de intimidar os índios a fins de criar uma imagem da sua ocupação efetiva da área.